



ANÁLISE EM RECORTE SOBRE A FUNÇÃO DA COORDENADORA PEDAGÓGICA COMO MEDIADORA DIALÓGICA ENTRE FAMÍLIA E ESCOLA

Sheila Maria Arruda Linhares Lemos¹

O presente trabalho no formato de pesquisa qualitativa teve como objetivo central apresentar um recorte analítico sobre a função da coordenação pedagógica como mediadora dialógica entre família e escola. Para essa finalidade, fez-se uso da metodologia Análise de Conteúdo de Bardin (2011).. Como resultados das análises, infere-se que, a relação “família-escola” constitui um microssistema que se agrega e se soma para a concepção de que educar é muito mais do que apenas alfabetizar e ajudar o educando alcançar o conhecimento. Os muitos desafios que a coordenação pedagógica enfrenta junto à família vêm prejudicando a contínua construção desta complexa relação, como, as questões socioeconômicas, consideradas sendo um dos maiores desafios, centrando-se em uma realidade onde as famílias têm alta vulnerabilidade social, desemprego e longas jornadas de trabalho, influenciando na baixa capacidade de participação na vida escolar dos seus filhos. A mediação dialógica fortalece a comunidade escolar, cria um ambiente de aprendizagem mais saudável e é uma ferramenta poderosa na prevenção de conflitos e de práticas como o bullying. A coordenadora pedagógica ao promover uma escuta dialógica com as famílias deixa um legado que transcende a gestão de conteúdo, contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática e dialógica. À luz de Paulo Freire (Teoria dialógica); Oliveira e Guimarães (formação e práxis); Orsolon (escuta sensível); Placco e Vasconcelos (articulação e formação docente), diálogo significa muito mais do que uma técnica pedagógica, constituindo-se em uma práxis filosófica e política essencial para a transformação social e a humanização.

Palavras-chave: Escuta. Diálogo. Coordenadora pedagógica. Escola. Família.

¹Mestrado em Ciências da Educação pela UNADES/PY.

1.INTRODUÇÃO

A inclusão da figura da coordenadora pedagógica no referido panorama educacional é fundamental para as ações interventivas em suas dinâmicas entre escola e família, de modo que a função desse sujeito educar sustente com sua formação e experiência escolar a cultura da escuta e do diálogo, a qual é imprescindível tanto na relação com as famílias quanto dentro da própria escola. Nesse sentido, Bohm (2005),

chama a atenção para que sejam realizadas dinâmicas específicas com as famílias, com o objetivo sensibilizar os pais ou responsáveis sobre a importância de sua participação ativa na educação de seus filhos. Atividades realizadas em reuniões ou encontros podem ilustrar de maneira vivencial como cada membro (família e escola) tem um papel essencial e complementar nesse processo. Ainda, o autor afirma que a implementação de uma comunicação efetiva requer um compromisso coletivo de toda a comunidade escolar. Isso inclui a criação de momentos dedicados ao diálogo, nos quais as famílias se sintam verdadeiramente encorajadas a comunicar suas ideias, preocupações e sugestões.

Ressaltando nesse contexto o papel da coordenadora pedagógica, Bohm (2005), insere a informação de que a função desse elemento humano formado academicamente para orientar, nortear, auxiliar e operar para o alcance do sucesso do desenvolvimento das crianças educandas, também trabalha como uma mediadora estratégica e facilitadora de processos, podendo por esses motivos ser considerada peça-chave para transformar o princípio da escuta em ações concretas que impactem positivamente o desenvolvimento do estudante na Educação Infantil.

Muitos são os problemas que entremeiam, interferem e se constituem como barreiras difíceis de serem ultrapassadas quando o assunto é educação infantil no contexto da escola pública. A hipótese plausível e que pode dialogar com os diversos vieses problemáticos que convivem com a educação infantil pública é que esta passa pelo crivo dos problemas socioeconômicos familiares, pela violência urbana, violência familiar, abandono e abuso de crianças e outras questões relacionadas às citadas. Ao pisar no chão de uma escola pública, o sujeito educador não poderá evitar tais problemas. Faz parte do todo. É um sistema, um microsistema familiar que se agrega e se soma para a concepção de que educar é muito mais do que apenas alfabetizar e ajudar o alcance ao conhecimento.

Os sujeitos educadores precisam refletir sobre sua função ao serem incubados nesse universo da educação, muito mais na Educação Infantil quando o assunto criança é ativador de uma diversidade de questões e direitos no campo social. Interpreto, nesse sentido, junto à Paulo Freire e seu conceito de letramento, concebendo que não é suficiente ensinar códigos e regras à criança. Muito mais é preciso para que ela entenda seu mundo, consiga se expressar, olhar ao seu redor e entender as formas, os conceitos, os diálogos, os significados para que de fato possa se desenvolver com qualidade. Nesse sentido, o letramento pode ser considerado em sua gênese uma ação que parte dos diálogos na família. Isso busca significar que as conversas, as comunicações que as crianças têm no âmbito familiar é meio de descoberta do mundo e da sua diversidade comportamental.

Quanto à função e identidade da coordenadora pedagógica, percebe-se que, tanto de forma individual como coletiva é notória sua multiplicidade funcional o que pode levar esse profissional a uma crise de identidade e, que por consequência, acaba afetando de forma significativa a qualidade de sua intervenção pedagógica. Nesse sentido, Aragão (1988) citado por Marques (2018) afirma que os próprios coordenadores têm dúvidas da sua identidade funcional dentro do contexto da escola, não conseguindo de fato saber de suas atribuições e funções, perdendo o senso dos limites de seu papel e, dessa forma, acabando por aceitar múltiplas demandas que lhes são dadas, ocupando vários papéis que não lhes cabem, perdendo a sua identidade de maior importância que é a de formador.

De acordo com Campos e Cruz (2020), no processo de discussão sobre a identidade e atuação do coordenador escolar, os fundamentos neste sentido, convergem para complexas reflexões sobre as práticas pedagógicas voltadas para os interesses da formação integral dos educandos e da formação dos docentes, que necessitam de uma rede apoio para concretizar seus trabalhos de forma ética e eficiente. Nesse sentido, a coordenadora pedagógica se constitui como uma profissional que tem que se relacionar com todos os sujeitos que fazem parte do ambiente escolar, recebendo as demandas que vem das famílias ou responsáveis pelas crianças, alunos, funcionários, comunidade do entorno da escola, professores, núcleo gestor e da própria secretaria de educação da qual está subordinado. Isto sustenta o pensamento de que a relação entre escola e família, embora reconhecida como essencial para o sucesso do processo educativo, constitui-se, historicamente, como um dos desafios mais complexos da gestão escolar.

A partir dessas premissas, o presente trabalho enveredou por uma pesquisa qualitativa, fazendo uso de documentos e sites oficiais, artigos científicos, livros, chamadas virtuais que abordam este assunto, para tentar responder as seguintes perguntas: Qual a importância da função da coordenação pedagógica na escuta da família como práxis dialógica mediadora? Quais fundamentos, discussões, opiniões e percepções estão sendo teorizadas sobre a importância da escuta da família pela coordenadora pedagógica como práxis básica para a transformação social e humanização? Como a coordenadora pedagógica pode dinamizar a escuta das famílias em favor da melhoria das relações família-escola? Quais análises podem ser desenvolvidas tendo como categorias principais a função e identidade da coordenadora pedagógica; a importância da escuta das famílias e a escuta dialógica como instrumento de melhoria da qualidade da educação na escola pública?

Para responder a esses questionamentos, averiguamos em uma busca em artigos, livros, sites acadêmicos, quais autores trabalham nessa perspectiva, sobre a função da coordenadora pedagógica, focando no seu papel de mediadora educacional quando escuta as famílias e opera junto à professores e gestão para que haja um retorno de melhoria na educação infantil. Dessa forma, a partir de Ferreira (2019); Paulo Freire; Oliveira (2013); Vasconcelos (2007); Souza e Lima (2023); Placco (2011); Brasil (2025); Mousinho (2010); outros, foram realizadas análises sobre o trabalho da coordenadora pedagógica à luz da escuta das famílias.

A análise em recorte teórico é um processo de delimitação e foco em um tema de pesquisa, onde se escolhe um recorte temático específico para ser aprofundado e analisado sob uma perspectiva teórica. Esse recorte envolve a definição de um período de tempo, local, grupo de estudo ou problema específico, a fim de torná-lo mais gerenciável e aprofundá-lo utilizando um referencial teórico de apoio. Para organizar essas análises, fez-se uso da metodologia Análise de Conteúdo de Bardin (2011).

O objetivo cerne da presente pesquisa foi apresentar um recorte analítico-teórico sobre a função da coordenação pedagógica como mediadora dialógica entre família e escola.

Como contribuição efetiva, foi apresentado no presente trabalho um projeto em desenvolvimento como ferramenta interventiva da coordenação pedagógica para trabalhar em função da melhoria do desenvolvimento das crianças a partir da escuta das famílias.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Sobre a função de coordenadora pedagógica

De acordo com Franco (2008), a coordenadora pedagógica tem que ser bastante flexível em sua atuação dentro da escola, pois, a enorme demanda de funções, onde ela deve inclusive ter jogo de cintura devido aos muitos interesses em jogo e muitas vezes conflitantes que circulam no cotidiano escolar. Dessa forma é muito difícil exercer essa função de acordo com o citado autor já que envolve bastante discernimento de posicionamentos políticos, pedagógicos, pessoais e administrativos. Como toda ação pedagógica, trabalhar com ética e compromisso requer um saudável e colaborativo ambiente coletivamente engajado com os pressupostos pedagógicos assumidos.

Nesse sentido, Almeida (2006), afirma que pensar a prática da coordenadora pedagógica é ultrapassar as questões somente pedagógicas da sala de aula, juntos aos professores e aos estudantes. Há de se pensar na própria formação, competências, na carreira, nas relações de trabalho e de poder nas organizações escolares, a parte de autonomia e de responsabilidade conferida aos professores, individual e coletivamente.

Em Bartman (1998), a coordenadora pedagógica tem uma crise de identidade sobre qual a sua função de fato na escola. No universo de afazeres, ela se questiona sobre quem é e que função deve cumprir na escola, tendo dúvidas sobre que objetivos deve perseguir, sem estar de fato ciente sobre quem é seu grupo de professores e quais as suas necessidades. Não tem consciência do seu papel de orientador e diretivo. Sabe elogiar, mas não tem coragem de criticar.

Desse modo Oliveira (2009) corrobora com os fundamentos anteriores, afirmando que é função do coordenador pedagógico, articular e mediar à formação continuada dos professores buscando alternativas para conciliar as atividades de apoio e formação dos professores, considerando todas as novas exigências educacionais. Nesse sentido, Franco (2006), afirma que é preciso refletir sobre as incertezas do papel do coordenador pedagógico, assim como avançar quanto a uma maior definição sobre as atribuições desse profissional.

Em uma pesquisa com coordenadoras pedagógicas, Camabrava (2019) revelou que a legitimidade do cargo da coordenadora pedagógica por contribuir efetivamente para definir melhor a identidade desta profissional no ambiente escolar que reclama por salário compatível com as múltiplas funções que ocupa, reivindicando também a oferta de capacitação continuada específica para o atendimento das demandas de formação docente, mediação e construção coletiva de práticas pedagógicas contextualizadas.

Para Vasconcelos (2007), não é correto atribuir ao coordenador pedagógico a função de ser fiscal dos docentes, mas de ser um profissional da educação que trabalha juntamente com o professor para ajudá-lo em sua árdua tarefa de educar. Nesse sentido Ribeiro (2012) corrobora afirmando que o coordenador pedagógico é peça-chave no favorecimento da construção de um ambiente escolar que prima pela ação democrática e participativa, melhorando e incentivando a produção do conhecimento; melhorando o rendimento escolar; promovendo desenvolvimento c3gnito e emocional das crianças; promovendo mudan7as de atitude para que a escola possa ser uma ambiente de melhoria da qualidade de vida de toda a comunidade envolvida no processo educacional.

Oliveira e Guimarães (2009), enfatizam que a formação não é transmissão de receitas, mas uma práxis reflexiva. O coordenador atua como formador, criando espaços de diálogo onde os professores são sujeitos de seu próprio desenvolvimento. A ação é problematizar a prática, e não apenas corrigi-la.

Em Orsolon (2006), há o destaque da importância da escuta sensível e da construção compartilhada do conhecimento. O coordenador deve promover situações em que os professores reflitam sobre suas "teorias da sala de aula", articulando o saber experiencial com o saber científico.

Os pesquisadores Placco e Vasconcelos (2012), argumentam que o coordenador é um mediador entre as teorias educacionais e a prática docente, organizando grupos de estudo, observações de aula com feedback e oficinas pedagógicas e, a sua formação deve partir das necessidades reais da escola e dos desafios da sala de aula. Nesse sentido, os referidos autores afirmam que a coordenação é um eixo articulador entre a direção, os professores, os alunos e a comunidade. Seu trabalho é fomentar a construção de uma identidade coletiva na escola, mediando conflitos e construindo consensus em torno do Projeto Político-Pedagógico (PPP).

Para Orsolon (2006) ao abordar o contexto do acompanhamento da prática pedagógica, o foco deve ser na sala de aula, onde a coordenadora pedagógica deve articular dentro de um processo de reflexão-na-ação junto ao professor. A observação de aula não é para fiscalizar, mas para compreender o contexto e, em parceria com o docente, pensar em alternativas para os desafios identificados. Nesse sentido, a articulação é feita pela linguagem e pelo diálogo, onde a coordenadora deve gerenciar os espaços de conversa como, reuniões, conselhos de classe, entre outros, para que sejam produtivos e focados na aprendizagem do educando, evitando que se tornem meramente informativos ou de queixas.

Oliveira e Guimarães (2009) chamam a atenção sobre como a coordenadora pedagógica trabalha para superar a fragmentação do trabalho docente, promovendo a interdisciplinaridade e a corresponsabilidade pelo sucesso dos estudantes.

Já Placco e Vasconcelos (2012), defendem que o coordenador deve analisar, junto com os professores, os indicadores de aprendizagem, no sentido das avaliações, produções dos alunos, entre outras atividades, para planejar intervenções pedagógicas mais efetivas, devendo ser este um trabalho de apoio e suporte, não de controle.

Segundo Oliveira e Guimarães (2009), a coordenadora pedagógica deve auxiliar o docente a analisar se suas estratégias estão, de fato, promovendo a aprendizagem significativa dos alunos, pois, para esses autores, o foco mais relevante do trabalho da coordenação pedagógica deve estar na relação ensino-aprendizagem.

Em se referindo à organização do trabalho pedagógico pela ação dinâmica da coordenadora pedagógica, com foco no Currículo e no PPP, Placco e Vasconcelos (2012), enfatizam a relevância do papel do coordenador na coordenação do currículo, garantindo sua sequência e articulação ao longo dos ciclos, sendo a responsabilidade desse sujeito educador articular para que se dê a execução do PPP, tornando-o um documento vivo e orientador das ações da escola.

Nesse sentido, Orsolon (2006) reafirma que a organização do trabalho passa pela construção de um ambiente de confiança onde os professores se sintam seguros para compartilhar dúvidas e dificuldades, essencial para a efetividade do currículo.

Oliveira e Guimarães (2009) reforçam esses preceitos, afirmando que o coordenador deve atuar na organização do tempo e do espaço formativos, garantindo que haja momentos dedicados ao planejamento coletivo, à discussão de casos e ao estudo teórico.

Para Ribeiro (2012) é de grande relevância o papel da coordenadora pedagógica, já que o dinamismo do seu trabalho na escola auxilia a promover a construção de um ambiente escolar democrático e participativo, já que este sujeito é ator fundamental no ambiente gestor da escola por estar em contato constante e contínuo com todo o corpo escolar, com a comunidade, com as famílias dos estudantes, das crianças. Também faz parte do organismo composto pelos docentes, já que interage e coordena junto aos professores conteúdo programático; questões de rendimento escolar, avaliação, desempenho, sucesso ou insucesso, indisciplina dentro e fora da sala de aula.

2.2 A relação entre coordenadora pedagógica e a família

De acordo com segundo Giacaglia (2010), a família tem grande carência de se comunicar e construir uma boa relação interpessoal com a escola. A necessidade das relações humanas está presente e viva na sociedade como um todo, sendo grande a carência comunicação entre as pessoas e suas diversidades. No ambiente escolar, essa comunicação é vital, pois, é fato que muitos pais não acreditam no que a escola diz, sempre dando mais razão aos seus filhos essa relação pode sofrer sérios agravos. Nesta configuração microssocial, onde há muitas dúvidas entre família e escola, o papel da coordenadora pedagógica é crucial, pois, ela pode aproximar a família da escola, trabalhando como um elo interagente e mediador, mantendo uma constante comunicação entre coordenação pedagógica, família e escola, respeitando os valores das famílias e buscando obter sua colaboração, tendo por meta a melhoria da qualidade de vida do estudante e, por consequência, de toda a comunidade escolar.

Em relação a esse aspecto Almeida (2006) discute que na prática, a função da coordenadora pedagógica rompe a própria questão pedagógica, como a lida com conteúdo programático, avaliação, rendimento escolar, colaboração didática com os docentes. A função como recurso humano, focando nas relações com a comunidade e a família é uma pensar na profissão como promotora de organização das relações de trabalho, organização escolar, responsabilidade coletiva.

Para o citado autor, cabe ao coordenador “acompanhar o projeto pedagógico, formar professores, partilhar suas ações, também é importante que compreenda as reais relações dessa posição”. As relações interpessoais permeiam a prática do coordenador que precisa articular as instâncias escolar e familiar sabendo ouvir, olhar, e falar a todos que buscam a sua atenção, por isso, se faz necessário um profissional que vai além de sua função e está sempre atento às relações de relacionamento buscando a interação entre todos dentro do espaço escolar. O coordenador pedagógico é peça fundamental dentro da escola, pois, este deve buscar integração dos envolvidos no processo ensino e aprendizagem mantendo relação interpessoais de maneira saudável valorizando a sua formação e a do professor desenvolvendo habilidades para lidar com as diferenças com o

objetivo de ajudar efetivamente na construção de um espaço que favoreça um ambiente de qualidade.

De acordo com David (2017), a coordenação pedagógica assume o papel de auxiliar o aluno na formação de uma cidadania crítica e a escola na organização e realização do projeto político pedagógico. Para o desenvolvimento de um trabalho competente, colocamos em pauta o resgate da identidade do coordenador pedagógico, bem como sua formação inicial e continuada. Com relação à sua identidade, é preciso que ele tenha clareza de suas atribuições para que possa de fato realizá-las e deixar de ser o faz tudo, descaracterizando a real dimensão de seu fazer profissional e estabelecendo um conflito entre os diversos papéis desempenhados pelos diferentes profissionais da educação. Quando nos reportamos à formação do coordenador pedagógico, queremos evidenciar que isto por si só não garante um ensino de qualidade, pois ele sozinho não pode mudar a escola, por mais competente que seja não conseguirá imprimir as marcas de uma dinâmica pedagógica, se a instituição, nos âmbitos administrativos e políticos, não estiver totalmente comprometida, envolvida e consciente dos princípios pedagógicos que o grupo elegeu para direcionar suas ações.

3. METODOLOGIA

Este estudo adotou uma abordagem qualitativa, baseada em revisão bibliográfica e análise documental de experiências relatadas em artigos científicos e sites oficiais do governo brasileiro. Foram analisados fundamentos e conceitos sobre a função mediadora da coordenadora pedagógica, com destaque para ação da escola da família como ferramenta de melhoria da qualidade da educação da escola e do desenvolvimento da criança.

A organização dos dados foi realizada com o objetivo de constituir o corpus da pesquisa que é o conjunto dos artigos, livros, documentos e outras fontes tidos em conta para serem submetidos aos procedimentos analíticos (BARDIN, 2011). Nesse contexto foi realizada também de uma leitura flutuante, ou seja, o estabelecimento de um contato com os dados quando buscamos uma primeira percepção da informação contida nestes dados. Retomando a questão da investigação e o objetivo proposto foi então feita a escolha dos documentos. Estas são as regras de Bardin (2011). As análises foram apresentadas em Análise de Conteúdo de acordo com Bardin, 2011.

4. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Os resultados das análises estão apresentados nos quadros 1 e 2 logo abaixo.

QUADRO 1. Análise de Conteúdo. A lida da coordenação pedagógica com as famílias na educação infantil de acordo com Oliveira e Guimarães (formação e práxis); Orsolon (escuta sensível); Placco e Vasconcelos (articulação e formação docente).

CATEGORIAS	UNIDADE DE CONTEXTO	UNIDADE DE CONTEXTO	UNIDADE DE CONTEXTO
AS TEORIAS SOBRE COORDENAÇÃO PEDAGÓGICA CONCEBEM E O PAPEL	Placco e Vasconcelos (2012), enfatizam o	Oliveira e Guimarães (2009), ampliam a	Orsolon (2006), oferece a ferramenta fundamental da

<p>DO COORDENADOR NA INTERFACE ENTRE A INSTITUIÇÃO ESCOLAR E AS FAMÍLIAS.</p>	<p>coordenador como articulador, posicionam-no como o elo central que deve conectar os saberes da escola e os saberes da família. Sua atuação visa construir uma identidade coletiva em torno do Projeto Político-Pedagógico (PPP), o que necessariamente inclui as famílias como corresponsáveis pela educação. O coordenador, portanto, não "recebe" as famílias, mas as "convoca" a serem partícipes do projeto educativo</p>	<p>noção de formação em serviço. Para eles, o coordenador é um formador que problematiza a prática. Nesta perspectiva, sua atuação com as famílias pode ser vista como um processo formativo mútuo, onde ele não detém todo o saber, mas cria espaços de diálogo onde os saberes familiares e os saberes escolares se encontram e se transformam. É uma práxis que exige reflexão constante.</p>	<p>escuta sensível. A relação com as famílias não pode ser instrumental ou burocrática. Deve ser pautada por uma escuta genuína das angústias, expectativas e culturas das famílias, entendendo-as como sujeitos ativos no processo.</p>
<p>A "ESCUA SENSÍVEL" COMO PRINCÍPIO NORTEADOR PARA A RELAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO COM AS FAMÍLIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL</p>	<p>A "escuta sensível" de Orsolon (2001), vai além de ouvir; é uma postura ética e dialógica. Na prática com as famílias na Educação Infantil, ela se operacionaliza através de: Canais Diversificados de Comunicação: Ir além do bilhete na mochila. Utilizar</p>	<p>A "escuta sensível" de Orsolon(2001), vai além de ouvir; é uma postura ética e dialógica. Na prática com as famílias na Educação Infantil, ela se operacionaliza através de: Reuniões com Propósitos Claros e Participativos: Transformar as reuniões de</p>	<p>A "escuta sensível" de Orsolon(2001), vai além de ouvir; é uma postura ética e dialógica. Na prática com as famílias na Educação Infantil, ela se operacionaliza através de: Mediação de Conflitos com Diálogo: Quando um conflito surge (ex.: um</p>

	encontros individuais, pequenos grupos por turma, aplicativos de comunicação com linguagem acolhedora, e momentos informais na entrada e saída, onde a escuta pode ser mais espontânea.	pais de meras transmissões de informes em espaços de troca. Usar dinâmicas, rodas de conversa sobre temas de interesse (medos, birras, alimentação), e ouvir as perguntas e contribuições das famílias como ponto de partida para o trabalho.	desentendimento entre crianças ou uma queixa sobre um professor), a coordenadora não toma partido. Ela escuta a versão da família, escuta a versão da professora e, então, media uma conversa para que, juntos, encontrem uma solução focada no bem-estar da criança.
A FORMAÇÃO DA COORDENADORA PARA LIDAR COM AS FAMÍLIAS	Para Oliveira e Guimarães (2013), a coordenadora pedagógica precisa se formar continuamente para lidar com a diversidade familiar. Isso implica estudar sobre dinâmicas familiares contemporâneas, relações étnico-raciais, inclusão, etc. É uma formação que nasce da necessidade prática (a demanda das famílias) e se concretiza na busca por referências teóricas.	A coordenadora, como formadora dos docentes, deve incluir em seus horários de trabalho coletivo a discussão sobre "como lidar com as famílias". Ela problematiza casos reais, discute estratégias de comunicação e ajuda os professores a construírem uma postura de parceria, e não de enfrentamento (OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2013).	A coordenadora pode organizar encontros formativos, onde os temas são sugeridos pelas próprias famílias e onde o conhecimento científico dialoga com o conhecimento experiencial das famílias. (OLIVEIRA; GUIMARÃES, 2013).
DESAFIOS E TENSÕES NO TRABALHO DA COORDENADORA	O conflito de expectativas é o desafio central.	A coordenadora frequentemente	

<p>PEDAGÓGICA COMO MEDIADORA DE CONFLITOS ENTRE A EQUIPE DOCENTE E AS FAMÍLIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL</p>	<p>As famílias, muitas vezes, buscam uma escola com ênfase na "escolarização precoce" (alfabetização, lições de casa), enquanto a escola defende o brincar e o desenvolvimento integral. A coordenadora, nesse cenário, precisa mediar um diálogo sobre "o que é educar uma criança pequena", fundamentando as práticas da escola nos referenciais da Educação Infantil.</p>	<p>se depara com questões familiares complexas (separações, luto, dificuldades econômicas). Seu desafio é acolher, mas saber os limites de sua atuação, acionando a rede de proteção.</p>	
<p>SABERES E COMPETÊNCIAS SÃO NECESSÁRIOS PARA QUE A COORDENADORA PEDAGÓGICA ESTABELEÇA UMA RELAÇÃO PRODUTIVA COM AS FAMÍLIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.</p>	<p>Domínio das teorias do desenvolvimento infantil e da pedagogia da infância.</p>	<p>Capacidade de mediação, negociação, escuta ativa e comunicação não-violenta. É a competência mais crítica, suportada por Orsolon (2001).</p>	<p>Saberes da experiência, como saber ler as entrelinhas de uma conversa, perceber não ditos, administrar suas próprias emoções e as do grupo.</p>

<p>AS INÚMERAS FUNÇÕES QUE A COORDENADORA PEDAGÓGICA ASSUME E SUAS COMPLICAÇÕES</p>	<p>A Resolução CNE/CEB nº 4/2010, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica, enfatiza a função do coordenador pedagógico como articulador do Projeto Político-Pedagógico (PPP), com foco na formação continuada dos professores e no acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem (BRASIL, 2010). No entanto, na prática, esse profissional é frequentemente desviado de suas atribuições fins.</p>	<p>Muitas escolas operam com uma cultura organizacional enraizada que não internalizou plenamente a figura do coordenador como um formador. Conforme aponta Vasconcellos (2019), há uma "confusão de papéis" na estrutura escolar. A comunidade escolar (direção, professores e até mesmo o próprio coordenador) muitas vezes tem uma compreensão imprecisa das suas funções específicas. Isso o torna um "funcionário-tarefeiro", um coringa para suprir lacunas operacionais.</p>	<p>. Placco e Almeida (2015) discutem que, na dinâmica da gestão escolar, o coordenador pedagógico é frequentemente visto como um braço direito da direção. Essa proximidade faz com que ele seja o primeiro a ser acionado para auxiliar em tarefas que, tecnicamente, são da alçada da direção, como o controle de documentação, o relacionamento com outras instâncias do sistema e a resolução de conflitos que extrapolam a mediação pedagógica.</p>
---	--	---	---

Fonte: a autora.

QUADRO 2. Análise de Conteúdo. A Relação Coordenador-Família.

CATEGORIAS			
Artigo	Função do Coordenador	O Coordenador como Mediador de conflitos	O Coordenador como construtor de parcerias

	como Facilitador da Comunicação		
A mediação do coordenador pedagógico na relação família-escola: desafios e possibilidades	"Articulador entre os saberes docentes e os saberes familiares, construindo uma linguagem comum."	"Atua como um tradutor cultural, mediando conflitos de expectativas entre a escola e as famílias."	"A aproximação com a família é vista como estratégia para reduzir a indisciplina e criar um ambiente propício à aprendizagem."
O coordenador pedagógico e a gestão do cuidado na escola pública	"Promotor de uma gestão democrática que inclui a família como parte da comunidade escolar."	"Media situações de vulnerabilidade social, acolhendo as demandas das famílias e encaminhando para redes de apoio."	"Compreende que a melhoria do aprendizado passa pelo bem-estar do aluno, o qual é influenciado pelo suporte familiar."
Reuniões de pais: análise da atuação do coordenador pedagógico	"Organizador e condutor de espaços de diálogo que vão além da transmissão de informações unidirecionais."	"Media a participação dos pais, incentivando sua fala e escutando suas percepções sobre o processo educativo."	"Identifica que a participação efetiva dos pais nas reuniões correlaciona-se com maior acompanhamento da vida escolar e melhor rendimento."
Formação continuada do coordenador pedagógico para o trabalho com as famílias	"Agente formador que precisa se preparar para lidar com a diversidade de estruturas familiares."	"Precisa mediar, inclusive, visões internalizadas da equipe escolar que culpabilizam unilateralmente a família."	"A formação nessa área é entendida como um investimento para a qualificação geral do trabalho pedagógico e dos resultados discentes."
O coordenador pedagógico e os casos de indisciplina: a	"Gestor de conflitos que evita a criminalização do aluno e busca	"Media o diálogo triádico entre professor, estudante e	"Entende que a indisciplina é um sintoma e que sua resolução efetiva

família como parceira	as causas pedagógicas e relacionais dos problemas."	família para buscar soluções conjuntas para a indisciplina."	envolve necessariamente o núcleo familiar."
Tecnologias digitais na mediação escola-família: o papel do coordenador	"Inovador na criação e manutenção de canais de comunicação digitais acessíveis e eficazes."	"Media a comunicação por meio de ferramentas digitais, equilibrando formalidade e proximidade."	"A agilidade na comunicação via apps permite intervenções mais rápidas em problemas de frequência e entrega de atividades."
A escuta sensível do coordenador pedagógico no atendimento às famílias	"Ouvinte ativo que prioriza o acolhimento e a construção de vínculos de confiança."	"Sua mediação é baseada na escuta qualificada, que valida os sentimentos e anseios dos familiares."	"Uma relação de confiança estabelecida facilita o trabalho conjunto em prol do desenvolvimento socioemocional e cognitivo do aluno."
O coordenador pedagógico e a implementação de projetos que envolvem a comunidade	"Líder pedagógico que planeja e executa projetos (oficinas, saraus) que integram a família ao cotidiano da escola."	"Media a entrada da comunidade no espaço escolar, rompendo os muros simbólicos da instituição."	"Projetos de integração melhoram o sentimento de pertencimento, o que reflete diretamente no engajamento e comportamento do aluno."
Análise dos obstáculos percebidos pelo coordenador pedagógico na relação com as famílias	"Diagnosticador de barreiras que impedem a parceria, como horários incompatíveis e desconfiança mútua."	"Precisa mediar não apenas a relação, mas também a quebra de preconceitos de ambas as partes."	"Superar esses obstáculos é entendido como condição para estabelecer uma base sólida para o progresso acadêmico dos estudantes."

<p>10. A coordenação pedagógica e as famílias de alunos com necessidades educacionais especiais</p>	<p>"Garantidor da inclusão, assegurando que a família seja parte ativa na construção do Plano de Ensino Individualizado."</p>	<p>"Media um diálogo complexo e técnico entre a família, os professores e os profissionais de apoio, traduzindo necessidades e possibilidades."</p>	<p>"A parceria estreita com a família é considerada um dos pilares para o sucesso do processo de inclusão e desenvolvimento do aluno."</p>
<p>A dimensão política da atuação do coordenador pedagógico na interface com as famílias</p>	<p>"Agente político que fortalece a participação da família como um direito no contexto da gestão democrática."</p>	<p>"Media o empoderamento das famílias, incentivando sua participação nos conselhos escolares e nas associações de pais e mestres."</p>	<p>"Uma família que participa da gestão se corresponsabiliza mais pelos resultados globais da escola, incluindo os de aprendizagem."</p>
<p>A relação coordenador-família no contexto da educação de jovens e adultos (EJA)</p>	<p>"Facilitador que reconhece e valoriza os saberes experienciais dos alunos e suas famílias."</p>	<p>"Media questões específicas da EJA, como a conciliação entre trabalho, família e estudos, apoiando na busca por soluções."</p>	<p>"O apoio e compreensão da família são vistos como fatores decisivos para a permanência e conclusão dos estudos na EJA."</p>
<p>Ações proativas do coordenador pedagógico para o engajamento familiar</p>	<p>"Estrategista que não espera os problemas surgirem, mas cria convites permanentes para a participação familiar."</p>	<p>"Sua mediação é preventiva, construindo pontes antes que os conflitos ou o desengajamento se instalem."</p>	<p>"O engajamento proativo está associado à prevenção da evasão escolar e à manutenção de um clima escolar positivo para a aprendizagem."</p>
<p>A autoeficácia do coordenador pedagógico para lidar com as famílias</p>	<p>"Profissional que desenvolve crenças positivas sobre sua própria capacidade de construir relações produtivas."</p>	<p>"Sua percepção de autoeficácia influencia diretamente a persistência e a qualidade de suas tentativas de mediação."</p>	<p>"Coordenadores com alta autoeficácia tendem a relatar maior sucesso na resolução de problemas que</p>

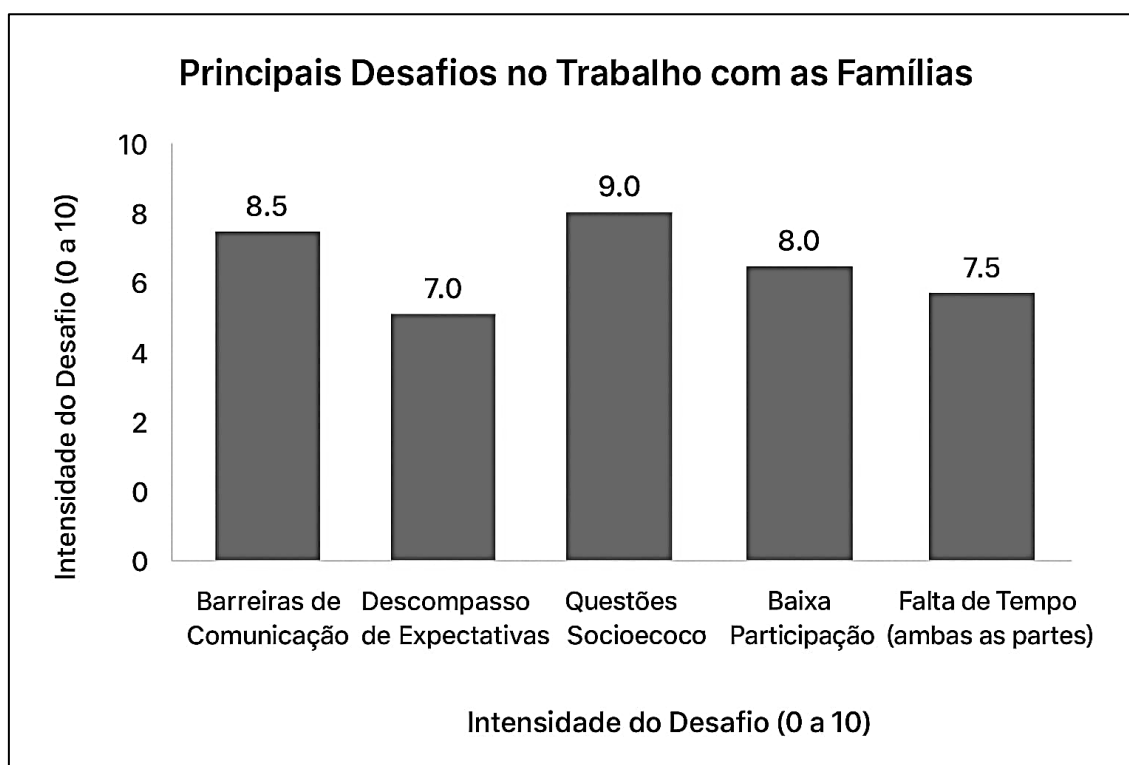
			afetam a disciplina e a aprendizagem."
Gênero e coordenação pedagógica: percepções sobre o atendimento às famílias	"Profissional cujo gênero pode influenciar as expectativas das famílias e a forma como sua mediação é recebida."	"Precisa mediar, também, expectativas sociais e culturais relacionadas ao gênero no trato com mães e pais."	"A discussão de gênero é relevante para compreender dinâmicas de poder que impactam o acompanhamento familiar da vida escolar."
O uso de casos para a formação de coordenadores pedagógicos na relação com as famílias	"Aprendiz que se desenvolve pela análise de situações concretas e pela troca de experiências com pares."	"A análise de casos complexos de mediação prepara-o para situações desafiadoras da realidade escolar."	"A formação baseada em casos melhora a capacidade de intervenção em situações reais que interferem no aprendizado."
A coordenação pedagógica e as reuniões individuais com a família: análise discursiva	"Condutor de conversas individuais que foca no desenvolvimento integral da criança, não apenas em notas."	"Nestes espaços, sua mediação é mais intensa e personalizada, exigindo alta habilidade comunicativa e emocional."	"Estas reuniões são consideradas momentos cruciais para o alinhamento de expectativas e a construção de planos de ação individualizados para o aluno."
O coordenador pedagógico como mobilizador de redes de apoio para as famílias	"Conector da escola e da família com serviços de assistência social, saúde e conselho tutelar."	"Sua mediação se expande para fora dos muros da escola, articulando uma rede de proteção em torno do estudante."	"Identificar e acionar suportes para problemas extracurriculares (sociais, emocionais) é fundamental para que o aluno tenha condições de aprender."
A visão das famílias sobre a atuação do coordenador pedagógico	"Interlocutor cuja eficácia é julgada pela acessibilidade, empatia e	"A mediação é bem-sucedida quando as famílias se sentem ouvidas, respeitadas e	"As famílias que avaliam positivamente o coordenador tendem a confiar mais na escola e a

	resolução prática de problemas."	parte da solução."	participar mais ativamente, impactando o aluno."
--	----------------------------------	--------------------	--

Fonte: a autora.

De acordo com Brasil (2018), no texto da BNCC para a Educação Infantil que enfatiza os "Campos de Experiências" e o papel da família como parceira no processo educativo, destacando a necessidade de uma relação de "colaboração e mutualidade" (Brasil, 2018, p. 38), a coordenadora pedagógica na Educação Infantil atua como uma ponte fundamental entre a escola, as crianças e suas famílias. Sua atuação vai além da formação de professores, englobando a construção de uma parceria essencial para o desenvolvimento integral da criança. Essa lida consiste em um trabalho diário, complexo e estratégico de mediação, escuta e incentivo à participação. O gráfico 1 abaixo ilustra os desafios mais frequentes relatados por coordenadores pedagógicos.

GRÁFICO 1. Principais desafios da escola no trabalho com as famílias.



Fonte: elaborado pela autora a partir de Brasil (2018).

As questões socioeconômicas (9/10) se destacaram como sendo um dos maiores desafios. A questão se centra em uma realidade onde as famílias enfrentam: vulnerabilidade social, desemprego e longas jornadas de trabalho, influenciando na baixa capacidade de participação na escola.

Em segundo posição na pesquisa (8.5/10), de acordo com o gráfico 1, as barreiras de comunicação como, dificuldades de linguagem, baixo letramento de alguns responsáveis e a falta de canais de comunicação geram complicações no processo da comunicação entre família e escola. ao lado do citado fator, a baixa participação dos pais nas reuniões e eventos (8/10) infere em uma adesão é frequentemente baixa. Nesse sentido, a coordenadora pedagógica juntamente com outros sujeitos da escola, como professores e gestores necessitam usar da criatividade para tornar os momentos de encontro mais atrativos e significativos.

Outro elemento desafiante para a escola conseguir comunicar-se com as família de seus educandos é a falta de Tempo (7.5/10). Nesse contexto, as famílias vivem sobrecarregadas com suas rotinas, assim como a própria coordenadora pedagógica que acaba ocupando inúmeros cargos e funções na escola, mesmo que não sejam funções para as quais ela teve sua formação. Há de se encontra soluções para que família e escola mitiguem as dificuldades para poderem dedicar um tempo de qualidade para essa relação.

Por fim, o desafio do descompasso de expectativas (7/10) surge como um desafio caracterizado por formas e conceitos de trabalho com as crianças. Enquanto a escola foca no desenvolvimento integral (brincar, socializar), algumas famílias priorizam a alfabetização precoce e atividades formais, exigindo um trabalho de alinhamento conceitual constante.

4.6 Apresentação de um projeto elaborado pela autora cujo título é: “Comunidade escolar em ação - fortalecendo vínculos em áreas de vulnerabilidade”.

PROJETO “COMUNIDADE ESCOLAR EM AÇÃO - FORTALECENDO VÍNCULOS EM ÁREAS DE VULNERABILIDADE”
<i>Justificativa:</i>
Em bairros afetados pela violência, a escola emerge como um espaço de proteção e continência fundamental para crianças e adolescentes . A violência é compreendida como um sintoma de patologia social que demanda ações transformadoras, e a escola, sendo a primeira célula social depois da família, é o local ideal para medidas preventivas . A articulação entre família e escola é crucial, pois conflitos no ambiente familiar refletem-se diretamente no cotidiano escolar, podendo se manifestar em comportamentos agressivos ou de retração pelos alunos . Este projeto, portanto, visa atuar na raiz do problema, fortalecendo os vínculos entre a escola e as famílias, construindo uma rede de apoio focada no desenvolvimento da cidadania e na melhoria da qualidade de vida .
<i>Objetivo Geral:</i>
Fortalecer os vínculos entre a escola e as famílias, criando um ambiente escolar seguro, acolhedor e propício à aprendizagem, por meio de ações integradas que promovam a autoestima e a corresponsabilidade pelo desenvolvimento dos estudantes.
<i>Objetivos Específicos:</i>
Estabelecer canais de comunicação eficazes e permanentes entre a escola e as famílias.
Promover a participação das famílias na construção e nos espaços de decisão da escola, como conselhos e reuniões do Projeto Político-Pedagógico (PPP).
Oferecer espaços de escuta e apoio psicossocial para as famílias, reconhecendo e acolhendo suas dificuldades.
Criar oportunidades de formação e integração que elevem a autoestima da comunidade e fortaleçam o sentimento de pertencimento.

Capacitar a equipe docente para uma abordagem sensível e compreensiva dos sinais externalizados pelos alunos que vivem em contextos de risco .
<i>Metodologia e Ações Estratégicas:</i>
A abordagem será participativa e dialógica, organizada em eixos de atuação que se complementam.
1-Diagnóstico e Acolhimento:
Rodas de Conversa Iniciais: Realizar encontros com pequenos grupos de famílias, mediados pelo coordenador pedagógico, para escuta ativa das percepções, angústias e expectativas sobre a escola e a comunidade.
Mapeamento de Recursos e Necessidades: Identificar, por meio de questionários simples e conversas, os talentos, habilidades e disponibilidades das famílias que possam ser somados ao projeto (ex.: pais cozinheiros, artesãos, esportistas).
2- Comunicação e Articulação Permanente:
Canais Diversificados: Para além de comunicados formais, utilizar grupos de WhatsApp por turma, mural físico na escola e boletins informativos mensais com linguagem acessível.
Portas Abertas: Institucionalizar um horário fixo na semana em que o coordenador pedagógico está disponível para receber famílias sem necessidade de agendamento formal.
3-Formação e Integração por meio de Grupos de Trabalho
Oficinas Temáticas: Promover oficinas que atendam a interesses comuns e necessidades identificadas, como oficinas de artesanato, culinária econômica, mediação de conflitos familiares e uso consciente da tecnologia.
Círculos de Cultura: Desenvolver espaços de debate sobre temas prementes para a comunidade, utilizando metodologias inspiradas em Paulo Freire, para que todos se sintam sujeitos de seu pensar e de sua visão de mundo .
Ações Artísticas e Culturais: Criar e produzir peças teatrais ou outras manifestações artísticas, permitindo que os jovens e suas famílias transformem potenciais agressivos em expressões criativas e construtivas, tornando-se protagonistas de suas histórias .
Avaliação:
A avaliação será processual e formativa, utilizando múltiplos instrumentos para captar transformações qualitativas:
Indicadores de Participação: Frequência e diversidade do público nas reuniões e oficinas.
Registros de Percepção: Relatórios qualitativos do coordenador pedagógico e depoimentos colhidos das famílias, dos alunos e dos professores sobre a mudança no clima escolar.
Pesquisas de Satisfação: Aplicação de questionários anônimos semestrais para avaliar a eficácia da comunicação e o sentimento de acolhimento.
Análise de Documentos: Revisão das atas dos Núcleos de Trabalho e das alterações no PPP decorrentes da participação da comunidade.
Como então dentro dessa ideia poderíamos convencer os pais a participarem mais das vidas dos seus filhos já que a maioria dos pais trabalha o dia todo?
A primeira ação é com a própria equipe escolar. Evitar discursos como "os pais não se importam". A maioria se importa, mas está sobrecarregada. A abordagem deve ser:
Oferecer Apoio
Valorizar o Esforço
2. Estratégias Práticas e de Baixo Custo para Pais com Rotina Intensa

Comunicação - Comunique-se nos canais onde os pais já estão e com MUITA antecedência.
WhatsApp por Turma: Criar um grupo por turma (apenas para comunicados, evitando discussões). Enviar lembretes de eventos com 3 semanas, 2 semanas e 3 dias de antecedência.
Mural no Ponto de Ônibus/Comércio Local: Levar os comunicados para fora dos muros da escola.
Eventos em Horários Alternativos
Ofereça mais de um horário para o mesmo evento
Reunião do Pai Trabalhador: Fazer a mesma reunião em dois horários: 19h (noite) e um sábado de manhã a cada dois meses.
Café com a Comunidade
Oficinas Práticas e Curtas: Como ajudar na lição de casa sem saber a matéria?" ou "Roda de conversa: Como estabelecer limites com amor em 15 min por dia?".
Eventos Culturais com a Família: Cineclube na escola (com pipoca), noite de jogos de tabuleiro, apresentações simples dos alunos. É lazer e participação juntos.
O Papel do Coordenador como "Facilitador de Vínculos"
Visitas Domiciliares (Quando Possível e Seguro): Uma visita breve, combinada, não para cobrar, mas para dizer "Vim conhecer você e saber se está tudo bem. A escola está aqui para o que precisar." Isso quebra barreiras como nada mais.
Criar um "Banco de Talentos" da Comunidade: Muitos pais não participam porque acham que não têm nada a contribuir. Perguntar: "O senhor sabe costurar? Cozinhar? Consertar bicicletas? Sua experiência pode ensinar muito aos nossos alunos em uma oficina de 1 hora." Isso gera um sentimento de valorização única.

Apresentação do Projeto de plano de curso de formação para a coordenadora pedagógica: "mediação escola-família em contextos de vulnerabilidade: o coordenador pedagógico como agente de transformação". O referido projeto foi elaborado pela autora do presente trabalho.

PROJETO DE PLANO DE CURSO DE FORMAÇÃO PARA A COORDENADORA PEDAGÓGICA: "MEDIÇÃO ESCOLA-FAMÍLIA EM CONTEXTOS DE VULNERABILIDADE: O COORDENADOR PEDAGÓGICO COMO AGENTE DE TRANSFORMAÇÃO"
<u>Carga Horária:</u> 60 horas (sendo 32h presenciais/práticas e 28h de estudo de caso e projeto de intervenção).
<u>Público-Alvo:</u> Coordenadoras pedagógicas
<u>Justificativa</u> Atuar em contextos de vulnerabilidade social e violência exige do coordenador pedagógico muito mais do que conhecimento técnico-pedagógico. Exige inteligência emocional, competência relacional e ferramentas específicas de mediação de conflitos. Este curso se justifica pela urgência de fornecer aos profissionais da educação um repertório teórico e prático para construir pontes sólidas e efetivas com as famílias, entendendo suas lutas e potencialidades, para juntos promoverem o sucesso escolar dos estudantes.

<p><u>Objetivo Geral</u></p> <p>Capacitar coordenadores pedagógicos a desenvolver e implementar estratégias eficazes de envolvimento familiar, baseadas no diálogo, na empatia e na corresponsabilidade, visando a superação das barreiras impostas pelo contexto de vulnerabilidade.</p>
<p><u>Metodologia</u></p> <p>A formação será fundamentada na problematização e na práxis reflexiva com uso de:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Aulas Dialógicas: Exposição dialogada de conceitos, sempre vinculada à realidade dos cursistas. - Análise de Casos Concretos: Discussão de situações reais trazidas pelos participantes. - Role-Playing e Simulações: Prática de abordagens de comunicação não-violenta e mediação de conflitos. - Elaboração de um Plano de Ação: Cada cursista desenvolverá um projeto específico para sua unidade escolar.
<p><i>Módulo 1: Compreendendo o Território e Rompendo Estigmas (12h)</i></p>
<p>EMENTA</p> <p>A escola como território de proteção. Mapeamento da comunidade e das redes de apoio (saúde, assistência social, conselhos tutelares). Análise dos ciclos da violência e seus impactos no desenvolvimento infantil e nas dinâmicas familiares. Desconstrução de visões estereotipadas sobre as famílias.</p>
<p><u>Atividade Prática</u></p> <p>"Mapa Falante" da comunidade escolar: exercício de mapeamento participativo dos ativos e vulnerabilidades do bairro.</p>
<p><i>Módulo 2: Fundamentos da Gestão Democrática e da Relação Escola-Família (12h)</i></p>
<p>EMENTA: As funções do coordenador pedagógico na articulação da comunidade. A Proposta Político-Pedagógica (PPP) como instrumento de inclusão das vozes familiares. A pedagogia de Paulo Freire como base para um diálogo horizontal e emancipatório.</p>
<p><u>Atividade Prática</u></p> <p>Análise crítica da PPP da escola dos cursistas: "Onde estão as famílias neste documento?".</p>
<p><i>Módulo 3: Ferramentas Práticas para a Comunicação e o Envolvimento Efetivo (20h)</i></p>
<p>EMENTA: Comunicação Não-Violenta - Técnicas para escuta ativa, empatia e comunicação assertiva em situações de conflito.</p>
<p>Estratégias de baixo custo para atrair e engajar (ex.: comunicação visual acessível, uso criativo de redes sociais, eventos "fora da caixa").</p>
<p><i>Mediação de Conflitos:</i> Técnicas para facilitar diálogos difíceis entre família-escola e escola-aluno.</p>
<p><i>Aulas dialógicas:</i> As aulas dialógicas são uma abordagem pedagógica poderosa que pode ser especialmente benéfica para envolver todos os membros da comunidade escolar, independentemente de seu nível de escolaridade. O conceito vai além de</p>

<p>simplesmente "conversar" e se baseia em princípios específicos para a construção coletiva do conhecimento.</p>
<p>O conceito de Aulas Dialógicas está profundamente ligado à Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire, que entendia o diálogo como um ato de liberdade e co-criação do conhecimento . Diferente de um simples debate onde cada um expõe sua opinião, o diálogo igualitário — núcleo dessa abordagem — pressupõe que todas as contribuições são válidas e enriquecem o aprendizado coletivo, não sendo baseadas em hierarquia de saber, mas na capacidade de reflexão de cada um .</p>
<p>Essa prática se apoia na Teoria Sociocultural de Vygotsky, que compreende que o conhecimento é construído socialmente, por meio da interação e da linguagem . Nesse contexto, o professor atua como um mediador ou facilitador, cujo papel é garantir um ambiente onde todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas, promovendo uma aprendizagem significativa para todos os participantes .</p>
<p>A implementação das aulas dialógicas se dá por meio de modalidades específicas, que podem ser perfeitamente adaptadas para incluir famílias com diferentes níveis de instrução. As duas principais estratégias são:</p>
<p><i>Tertúlias Literárias Dialógicas:</i> Consistem em sessões de leitura e discussão de obras da literatura universal . Para incluir pais analfabetos ou com baixa escolaridade, a leitura pode ser feita em voz alta por um mediador (o coordenador, um professor ou até um aluno). A discussão, então, não é sobre a gramática ou a estrutura do texto, mas sobre os temas universais que a obra levanta: amor, ciúmes, justiça, amizade, superação . Nesse formato, a experiência de vida é tão ou mais valiosa do que a leitura formal do texto, permitindo que todos contribuam com suas interpretações e vivências.</p>
<p><i>Grupos Interativos:</i> Esta é uma forma de organizar a sala de aula em pequenos grupos heterogêneos, que realizam atividades diferentes com a ajuda de vários facilitadores (professores, voluntários da comunidade e familiares) . Um pai ou mãe, mesmo não alfabetizado, pode atuar como um facilitador nesses grupos, ajudando a manter o foco, incentivando a participação de todos ou contribuindo com seus conhecimentos práticos (como em uma atividade de cálculos envolvendo receitas, ou em uma discussão sobre história local). Isso transforma a relação da família com a escola, de espectadora para corresponsável pelo processo de aprendizagem.</p>
<p>Benefícios da Abordagem Dialógica</p>
<p>A participação das famílias deixa de ser esporádica e passa a ser ativa e integrada ao cotidiano da escola, criando uma verdadeira comunidade de aprendizagem .</p>
<p>O diálogo igualitário permite que todos os participantes, inclusive os pais, desenvolvam um pensamento mais crítico sobre si mesmos e sobre o mundo que os cerca .</p>

As referências indicadas para o desenvolvimento de ambos os projetos sugeridos convergem para o banco de referências bibliográficas incubadas no item “REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS” no corpo da presente dissertação de mestrado.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muitos são os problemas que entremeiam, interferem e se constituem como barreiras difíceis de serem ultrapassadas quando o assunto é educação infantil no contexto da escola pública. A hipótese plausível e que pode dialogar com os diversos vieses problemáticos que convivem com a educação infantil pública é que esta passa pelo crivo dos problemas socioeconômicos familiares, pela violência urbana, violência familiar, abandono e abuso de crianças e outras questões relacionadas às citadas. Ao pisar no chão de uma escola pública, o sujeito educador não poderá evitar tais problemas. Faz parte do

todo. É um sistema, um microsistema “família-escola” que se agrega e se soma para a concepção de que educar é muito mais do que apenas alfabetizar e ajudar o educando alcançar o conhecimento.

Quantos aos desafios que a coordenação pedagógica enfrenta junto à família e que arranham de forma complexa essa relação, destacam-se: As questões socioeconômicas consideradas sendo um dos maiores desafios. A questão se centra em uma realidade onde as famílias enfrentam: vulnerabilidade social, desemprego e longas jornadas de trabalho, influenciando na baixa capacidade de participação na escola.

Outro importante desafio são as barreiras de comunicação como, dificuldades de linguagem, baixo letramento de alguns responsáveis e a falta de canais de comunicação geram complicações no processo da comunicação entre família e escola. Ao lado deste fator, a baixa participação dos pais nas reuniões e eventos, infere em uma adesão é frequentemente baixa. Nesse sentido, a coordenadora pedagógica juntamente com outros sujeitos da escola, como professores e gestores necessitam usar da criatividade para tornar os momentos de encontro mais atrativos e significativos.

Outro elemento desafiante para a escola conseguir comunicar-se com as famílias de seus educandos é a falta de tempo. Nesse contexto, as famílias vivem sobrecarregadas com suas rotinas, assim como a própria coordenadora pedagógica que acaba ocupando inúmeros cargos e funções na escola, mesmo que não sejam funções para as quais ela teve sua formação. Há de se encontrar soluções para que família e escola mitiguem as dificuldades para poderem dedicar um tempo de qualidade para essa relação.

Por fim, o desafio do descompasso de expectativas surge como um desafio caracterizado por formas e conceitos de trabalho com as crianças. Enquanto a escola foca no desenvolvimento integral (brincar, socializar), algumas famílias priorizam a alfabetização precoce e atividades formais, exigindo um trabalho de alinhamento conceitual constante.

Os sujeitos educadores precisam refletir sobre sua função ao ser incubado nesse universo da educação, muito mais na educação infantil quando o assunto criança é ativador de uma diversidade de questões e direitos no campo social. Interpreto nesse sentido, Paulo Freire e seu conceito de letramento, concebendo que não é suficiente ensinar códigos e regras à uma criança. Muito mais é preciso para que ela entenda seu mundo, consiga se expressar, olhar ao seu redor e entender as formas, os conceitos, os diálogos, os significados para que de fato possa se desenvolver com qualidade. Nesse sentido, os diálogos e escuta da família são potentes meios de que esse letramento aconteça. Também a escuta das crianças. Ou seja, uma rede de escuta onde o objetivo cerne é a promoção da melhor qualidade de vida destas crianças.

A atuação do coordenador pedagógico é multifacetada e relacional, na opinião e percepção dos teóricos trabalhados na presente dissertação. Nesse sentido, afirmam estes que a coordenadora pedagógica não é uma técnica que aplica normas, mas, uma profissional reflexiva que atua como formadora de professores, articuladora do coletivo, parceira na análise da prática e mantenedora da coerência do projeto educativo da escola. Seu trabalho se sustenta no diálogo, na escuta e na construção de uma comunidade de aprendizagem que inclui todos os atores do processo educativo.

A falta de tempo dos educadores e a baixa adesão das famílias para um trabalho de escuta e maior comunicação são consideradas as faces práticas de um problema maior, que é a construção de um vínculo fragilizado e agravado por dificuldades de comunicação e por visões divergentes sobre o que deve ser a Educação Infantil.

Pode-se então considerar que, a atuação da coordenação pedagógica com as famílias na Educação Infantil tem reproduzido um modelo de gestão instrumental e burocrático ou tem favorecido a construção de uma comunidade educativa?

A literatura especializada define que o coordenador pedagógico deve atuar como um formador, articulador e transformador no espaço escolar. Isso inclui "criar proximidade com alunos e pais", o que demanda desse profissional habilidades de gestão de tempo, inteligência interpessoal, respeito e ética para construir pontes sólidas com a comunidade.

No entanto, a realidade é complexa e há um forte risco de reprodução do modelo instrumental e burocrático, pressionado pela sobrecarga de trabalho, já que esse profissional ocupa múltiplas funções o que faz com que tenha pouco tempo para a mediação qualificada. Ainda, há a questão das políticas de avaliação que focam em resultados mensuráveis, em detrimento da construção de vínculos. Também se acrescenta o problema da formação insuficiente, uma realidade onde muitas coordenadoras não são formadas especificamente para essa mediação.

Organizações de pesquisa e defesa da educação, como a IDRA, reforçam que escolas eficazes mantêm fortes parcerias com pais e comunidade. O engajamento familiar é considerado crítico para o sucesso escolar, indo além do voluntariado e incluindo a participação ativa das famílias na mudança de políticas e práticas educacionais.

Na prática, o coordenador pedagógico frequentemente se afunda em demandas burocráticas e urgências, desviando-se de suas funções essenciais. Em uma gestão verdadeiramente democrática, a escuta de todos os atores, incluindo as famílias é fundamental. O coordenador, ao promover esse diálogo, fortalece o senso de pertencimento e corresponsabilidade pela aprendizagem das crianças.

Quanto aos desafios e potencialidades da mediação dialógica, considera-se que a implementação bem-sucedida dessa mediação enfrenta obstáculos significativos. A falta de clareza na regulamentação da profissão de mediador, reflete-se também na dificuldade de entender a identidade da coordenadora pedagógica devido às suas múltiplas funções, estando esta frequentemente sobrecarregada com tarefas burocráticas. Além disso, é necessário superar uma cultura escolar historicamente pautada por uma relação de poder assimétrica, em que a escola detém o saber e a família é convocada apenas para ouvir.

No entanto, as potencialidades superam em muito os desafios. A mediação dialógica, conforme evidenciado, fortalece a comunidade escolar, cria um ambiente de aprendizagem mais saudável e é uma ferramenta poderosa na prevenção de conflitos e de práticas como o bullying. Ao promover o desenvolvimento socioemocional não apenas dos alunos, mas de todos os envolvidos, a escola se consolida como um espaço de formação humana integral. O coordenador que assume esta função deixa um legado que transcende a gestão de conteúdos, contribuindo para a construção de uma sociedade mais democrática e dialógica.

Uma revisão robusta da Teoria Dialógica à luz de Paulo Freire revelou que o diálogo é muito mais que uma técnica pedagógica, constituindo-se em uma práxis filosófica e política essencial para a transformação social e a humanização.

a pedagogia libertadora de Freire propõe o diálogo como um "encontro entre os homens, mediado pelo mundo, para nomear o mundo" . Essa definição vai além de uma simples conversa e estabelece o diálogo como o pilar de uma educação que liberta.

Na educação, a ação comunicativa transforma a sala de aula em um espaço democrático onde o conhecimento é construído coletivamente, a autoridade é substituída pela força do melhor argumento e os estudantes desenvolvem autonomia. O diálogo, nesse sentido, é uma prática que ensina e exercita a democracia, transformando os sujeitos em cidadãos capazes de interagir eticamente em sociedade.

A mediação é reconhecida como uma prática benéfica para todo o ambiente escolar, ajudando a promover um clima de colaboração e melhorando a comunicação entre todos os atores, incluindo a família . O mediador atua como intermediário em questões sociais, de comportamento, comunicação, atividades pedagógicas e motoras.

O mediador como articulador da comunidade: A função expande-se para a mediação de conflitos mais amplos e atua como uma ponte entre a escola e a família, facilitando uma comunicação empática e eficaz.

Considera-se que, as ações da coordenadora pedagógica como mediadora dialógica devem conceber as seguintes dimensões:

- Ser o tradutor do PPP e as práticas pedagógicas para as famílias, devendo ter o domínio do currículo e capacidade de comunicação acessível para que as famílias compreendem e apoiam o projeto educativo.
- Ser a criadora mantenedora de canais efetivos de comunicação (reuniões, oficinas), exercendo uma escuta ativa, tendo empatia e capacidade de organização e, por esses modos, promover o fortalecimento do vínculo e da confiança mútua.
- Deve ser uma facilitadora dos diálogos para resolver desentendimentos. Nesse trabalho deve agir com neutralidade, paciência e foco na solução colaborativa, buscando a restauração de laços e ambiente escolar harmonios

6.REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel. **Escola Reflexiva e Nova Racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. A dimensão relacional no processo de formação docente. In: BRUNO, Eliane Bambini Gorgueira; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. (Org.) **O Coordenador pedagógico e a Formação Docente**. 7 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

BARTMAN, Thomas Snell, S. **Administração: construindo vantagem competitiva**. São Paulo: Atlas, 1998.

BOHM, D. Diálogo: comunicação e redes de convivência. São Paulo: Palas Athena, 2005.

BRASIL. **Lei nº 14.851, de 3 de maio de 2024**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de criação de mecanismos de levantamento e de divulgação da demanda por vagas no atendimento à educação infantil.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a Base. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. **Relações família-escola: em busca de um projeto de Educação Infantil democrático**. Disponível em:
<https://basenacionalcomum.mec.gov.br/implementacao/praticas/caderno-de-praticas/aprofundamentos/204-relacoes-familia-escola-em-busca-de-um-projeto-de-educacao-infantil-democratico> Acesso em: outubro de 2025.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB)**. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei nº 14.851, de 3 de maio de 2024**. Dispõe sobre a obrigatoriedade de criação de mecanismos de levantamento e de divulgação da demanda por vagas no atendimento à educação infantil.

CANABRAVA, Júnia Marina. **Coordenação pedagógica sob o olhar de quem ocupa este lugar** [manuscrito] / Júnia Marina Canabrava. Monografia -- (Especialização) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Belo Horizonte, 2019.

CEARÁ. **Documento Curricular do Ceará - Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Ceará: Governo do Estado, 2019.

CEARA. Secretaria da Educação do Estado do Ceará (SEDUC). **Mais Paic - Programa de Aprendizagem na Idade Certa: Ampliando o trabalho com a Educação Infantil**. Fortaleza: SEDUC, 2019.

CEARÁ. **Documento Curricular do Ceará - Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Ceará: Governo do Estado, 2019.

CEARÁ. **Lei 16.710 de 21 de dezembro de 2018**. Dispõe sobre a organização da administração pública estadual (Estrutura da Seduc-CE).

CEARÁ. **Lei Estadual nº 17.380, de 5 de janeiro de 2021**. Consolida e atualiza a legislação do Programa Mais Infância Ceará.

CRUZ, Maria Minelly de Oliveira; CASTRO, Selma Barros Daltro de; LIMA, Ana Carla Ramalho Evangelista. **Caminhos da coordenação pedagógica: uma análise histórica**, 2009 in DAVID, Ricardo Santos. A construção da identidade do coordenador pedagógico e seu perfil profissional no contexto atual . The construction of

the identity of the pedagogical coordinator and its professional profile in the current context. **Revista Labor Fortaleza/CE**, Vol. 01, nº 17, p. 143-157, 2017.

DAVID, Ricardo Santos. A construção da identidade do coordenador pedagógico e seu perfil profissional no contexto atual . The construction of the identity of the pedagogical coordinator and its professional profile in the current context. **Revista Labor Fortaleza/CE**, Vol. 01, nº 17, p. 143-157, 2017.

FALK, J. **Diálogos com o universo infantil: a relação família-creche**. São Paulo: Editora Mediação, 2012.

FERREIRA, J. F. P. "Protagonismo Infantil: A importância da escuta ativa na educação contemporânea." **International Integralize Scientific** (2025).

FLECHA, R. **Compartiendo Palabras: El Aprendizaje de las Personas Adultas a Través del Diálogo**. Barcelona: Paidós, [ano de publicação da edição utilizada].

FOUCAULT, M. **O Sujeito e o Poder**. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. Michel Foucault, uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Coordenação pedagógica: uma práxis em busca de sua identidade. **Revista Múltiplas Leituras**, v. 1, n. 1, p. 117-131, jan./jun. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/1176/1187>>. Acesso em: 20 jul. 2018.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa**. Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREITAS, Ana Beatriz de; SANTOS, Maria do Carmo dos. A atuação do coordenador pedagógico na relação família-escola na educação infantil. **Revista @mbienteeducação**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 321-338, 2021.

GIACAGLIA, L. R. A.; PENTEADO, W. M.A. **Orientação educacional na prática: princípios, histórico, legislação, técnicas, instrumentos**. 6 ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

HABERMAS, J. **Teoria do agir comunicativo: racionalidade da ação e racionalização social**. Vol. 1. Tradução de Paulo Astor Soethe. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. ODS 4. Educação de Qualidade. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/ods/ods4.html> Acesso em outubro de 2025.

LAZZARIN, Angélica dos Santos Egêa. PAPEL DO COORDENADOR PEDAGÓGICO NA ATUALIDADE. Anais Da Mostra De Ensino, Pesquisa, Extensão E Cidadania (MEPEC), [S. l.], v. 2, p. 121–124, 2018.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 5.ed. Goiânia: Alternativa, 2001.

LIMA, Ana Carla Ramalho Evangelista. **Caminhos da coordenação pedagógica: uma análise histórica**, 2009.

LIPMAN, M. **O pensar na educação**. Tradução de Ann Mary Fighiera Perpétuo. Petrópolis: Vozes, 1995.

MARANHÃO, Damaris Gomes; SARTI, Cynthia Andersen. Creche e família: uma parceria necessária. **Cad. Pesqui.** 38 (133), 2008.

MARQUES, J. A. S. **Análise do perfil profissional dos coordenadores pedagógicos da Prefeitura Municipal de Caucaia**. Universidade Estadual Do Ceará Centro De Humanidades. Curso De Especialização Em Gestão Pedagógica Da Escola Básica. Beberibe, Ceará, 2018.

MOUSINHO, R. et al. **Mediação escolar e inclusão: revisão, dicas e reflexões**. Revista Psicopedagogia, v.27, n.82, 2010.

NOVAES, L. S. **O coordenador pedagógico e a formação do educador**. In: Revista Pátio, n. 28, 2004.

OLIVEIRA, J. S. GUIMARÃES, M. C. M. O papel do coordenador pedagógico no cotidiano escolar. **Revista Científica do Centro de Ensino Superior Almeida Rodrigues**, ANO 1, jan. 2013.

ORSOLON, L. A. M. **O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola**. In: ALMEIDA, L. R. de; PLACCO, V. M. N. de S. (Org.). O coordenador pedagógico e o esforço da mudança. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

OSTETTO, L. E. (Org.). Educação Infantil: saberes e fazeres da formação de professores. Campinas: Papyrus, 2008.

PIRES, E. D. P. B. **A prática do coordenador pedagógico: limites e perspectivas**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2005.

PLACCO, V. M. N. S.; ALMEIDA, L. R.; SOUZA, V. L. T. (Coord.). **O Coordenador pedagógico e a formação de professores: intenções, tensões e contradições**. (Relatório de pesquisa desenvolvida pela Fundação Carlos Chagas por encomenda da Fundação Victor Civita). São Paulo: FVC, 2011.

RANGEL, Mary (Org.). **O Coordenador Pedagógico e a Formação Contínua do Docente na Escola**. 1. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015. E-book.

RIBEIRO, Wagner Costa. **Atuação do coordenador pedagógico nas escolas**. 2012. 41 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em gestão pedagógica) – Universidade Candido Mendes, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, B. de S. **Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes.** In: SANTOS, B. de S.; MENESES, M. P. (Orgs.). Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, p. 23-72, 2009.

SILVA, J. A.; COSTA, M. R. A escuta ativa e a expressão criativa na educação infantil: práticas para um ambiente escolar inclusivo. **Revista Brasileira de Educação**, 27(3), 451-467, 2022.

SOUZA, Ana Paula; LIMA, Carlos Alberto. Escuta ativa na educação: desafios e possibilidades. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, n. 2, p. 123-145, 2023.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Concepções, princípios, práticas e reflexões de coordenadores pedagógicos das escolas municipais de educação infantil de Novo Hamburgo.** 2018. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

TURATO, Egberto Ribeiro. **O Coordenador Pedagógico no Cotidiano da Gestão Escolar.** 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.

VASCONCELLOS, C. S. **Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula.** São Paulo: Libertad, 2007.

VIEIRA, Livia Maria Fraga; DINIZ, Margareth. Os desafios da coordenação pedagógica para a construção da parceria entre família e escola infantil. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 37, p. 1-20, 2021.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WIECZORKIEWICZ, Alessandra Krauss; BAADE, Joel Haroldo. Família e escola como instituições sociais fundamentais no processo de socialização e preparação para a vivência em sociedade. Educação pública, [S. l.], 2020.